

Intoxicação está em alta no Brasil

O Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (Sinitox), organizado pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) no Rio de Janeiro, registrou 64.690 casos de intoxicação humana no país em 96. A estatística indica aumento de casos em relação a 95, quando houve 52.862 notificações. Por *Yuji Gushiken*

Registraram-se 420 mortes, ou 0,65% do total de casos. O maior número de óbitos (131) e a 2ª maior taxa de mortalidade (1,21%) ocorreram no Nordeste.

Medicamentos (28,5%), animais peçonhentos (22,4%) e produtos sanitários (8,4%) são os agentes que mais causaram intoxicações em seres humanos.

A principal causa de intoxicação é acidente, responsável por 58,7% dos casos, seguida de suicídio, 20%, e causa profissional, ou seja, uso de produtos em serviço, 9,2%. Menores de cinco anos representam 25,7% dos casos, os adultos de 20 a 29 anos, 18,6%, e adultos de 30 anos a 39 anos, 13,4%.

Pesticidas agropecuários, medicamentos e animais peçonhentos, nessa ordem, são responsáveis pelos maiores índices de mortes. Pesticidas agropecuários representam 41% das mortes entre homens e medicamentos representam 34,7% entre mulheres. Esses são alguns dados da *Estatística Anual de Casos de Intoxicação e Envenenamento no Brasil 96*, elaborada pelo Sinitox e publicada pela Fiocruz.

As informações são prestadas pelos centros de notificações instalados nos estados, ligados às secretarias de saúde ou hospitais universitários. As estatísticas de 96 reuniram dados de 28 dos 30 centros existentes no país.

A idéia do Sinitox é que as estatísticas sirvam de base para outras pesquisas nas diferentes áreas, como botânica e epidemiologia, e para formulação de políticas públicas, como campanhas de prevenção a acidentes.

A expansão das categorias registradas e a produção de dados qualitativos são algumas das metas do Sinitox. O item "pesticidas agropecuários", por exemplo, deverá ser especificado pelo nome do produto. Os dados qualitativos deverão partir dos próprios centros nos estados.

Rosany Bochamer, perita em estatística da Fiocruz, vê brechas nos dados do Sinitox. Para cada caso de intoxicação registrado, há muitos outros ignorados em todo o país. Nem todo caso é encaminhado a um centro de atendimento hospitalar.

Tão grave quanto a falta de encaminhamento ou atendimento hospitalar é o registro de morte sem investigação sobre as causas da intoxicação — dos 64.690 casos registrados em 96, com ou sem morte, 1.740 são de causas ignoradas. Crianças são vítimas constantes de intoxicação por

acidentes com medicamentos, produtos de limpeza e mesmo plantas ornamentais. O Sinitox apóia o projeto de lei sobre embalagem especial de proteção à criança para medicamentos e produtos de limpeza, que está parado no Congresso. Nos EUA, a implantação de projeto similar ajudou a diminuir a mortalidade infantil com intoxicações.

Para Rosany, o fato mais alarmante nos dados é a falta de fiscalização no comércio e no consumo de remédios nas farmácias e a possibilidade da venda se expandir para locais como bancas de revistas, o que tende a fazer aumentar casos de intoxicação.

Pelo país - No Nordeste só há centros de informação toxicológica no CE, RN, PB, PE e Bahia. Estão fora do sistema, portanto, SE, PI, AL e MA.

Foi implantado em Belém, no início de 98, o segundo centro da região Norte. O único existente, aí, até 97 era o de Manaus.

No Centro-Oeste, Sudeste e Sul, todas as capitais de estados têm centros de informações ligados ao Sinitox. Menos Brasília. Apenas CE, SP e PR têm centros de informação no interior, além das capitais. Desde 80, quando foi criado, o Sinitox registrou 441.942 casos de intoxicação com 3.193 mortes.

Para crescer, o sistema deve contar com apoio das secretarias estaduais e municipais de saúde e cooperação de hospitais universitários para implantar e equipar centros de informação.